

O Novo Cartel

J. Roberto Whitaker Penteadó

Desde que comecei a registrar conscientemente as informações externas – isso significa os anos 50 do século passado – lembro-me de que, apesar de o nosso mercado ser incipiente, em muitas áreas, no transporte aéreo, havia uma saudável concorrência. Coisa normal, num país que não tinha nem mesmo uma estrada decente ligando seus dois principais centros urbanos (a Dutra foi inaugurada em 1951 e só teve as pistas duplicadas em 1967!) e os aviões eram quase a única forma de se chegar a qualquer lugar.

Não me falhando a memória, havia a Panair do Brasil, a Aerovias Brasil, o Lloyd Aéreo Brasileiro, a Cruzeiro do Sul, a Real, a Vasp e, claro, a Varig. Ao longo do tempo, ocorreram fusões, entre a Real e a Aerovias ou a Varig com a Cruzeiro; surgiu a Sadia Transportes Aéreos, que, depois, se transformou em Transbrasil. A Panair acabou e suas linhas internacionais passaram para a Varig. Houve empresas regionais, como a Nordeste, a Pantanal e a Rio-Sul. Mais recentemente, embora a Transbrasil e a Vasp não tenham sobrevivido, surgiram a TAM e a Gol.

Mas veio o desastre da Varig e – de repente – o nosso transporte aéreo começou a ficar com cara de cartel. Como não temos um jornalismo verdadeiramente independente e investigativo, acho que nunca ficaremos sabendo, realmente, o que aconteceu com a Varig. O novo governo, supostamente trabalhista e nacionalista, não moveu uma palha para ajudar a empresa – não se sabe muito bem porquê. Em outras oportunidades, no passado recente, foram, socorridos bancos e indústrias, pelos seus supostos valor estratégico e função social. Ouvi, de alguém ligado à Varig, que só o seu patrimônio imobiliário – imobilizado por questões legais – teria sido suficiente para cobrir boa parte do passivo. Mas não sou especialista nessas questões. O fato é que a Varig morreu e os seus parques despojos – em vez de se constituir na semente de uma nova empresa, mesmo estrangeira – foram silenciosamente arrematados por uma das duas grandes remanescentes.

Durante a grande crise do transporte aéreo – que ainda não acabou – o comportamento das empresas privadas foi, e tem sido, nada menos do que lamentável. Apesar do que trombeteiam os procons do estado, é claro que não se pode imputar a elas toda a responsabilidade. Os problema sérios e graves parecem estar nos meandros das instituições: Infraero, ANAC (por que substituiu o DAC?), a aeronáutica, os ministérios...

Mas, como viajante muito freqüente, pude constatar que - mesmo diante do sofrimento físico e mental de milhares de consumidores ignorantes dos seus mínimos direitos de cidadania - as empresas continuaram a praticar pequenos delitos e calhordices, como "cancelar" vôos que não existiam (GOL) ou cobrar altas taxas por uma simples remarcação de horário (paguei 40%, na TAM). Sem falar da sua olímpica indiferença diante dos clientes e da opinião pública.

Não gosto desse novo cartel. E acho que nos trará, no futuro, ainda mais problemas e dissabores.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=135&ID=390>>. **Acesso em: 30 jul. 2009**